

# ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DO ALGODÃO MATO-GROSSENSE NO CENÁRIO INTERNACIONAL: 1999 A 2005

Sonia Sueli Serafim de Sousa, Sandra Cristina de M. Bonjour, Adriano Marcos R. Figueiredo

**Resumo:** A cultura do algodão Mato-Grossense tem apresentado resultados importantes para o agronegócio brasileiro. Assim, o presente trabalho teve por objetivo principal analisar a competitividade do algodão de Mato Grosso no mercado internacional, no período de 1999 a 2005. Especificamente analisaram-se os fatores relevantes que influenciaram as exportações do algodão Mato-Grossense, bem como quantificou a Vantagem Comparativa Revelada de Mato Grosso frente aos países produtores de algodão. Optou-se pelo indicador de Balassa com o objetivo de obter resultados abrangentes e precisos para uma análise mais aprofundada, com a criação de um cenário confiável para as interpretações sobre a competitividade do algodão Mato-grossense no comércio internacional. Através de dados sobre a produção, área colhida, produtividade e a exportação de algodão pôde-se constatar a importância dessa malvacea para o Estado de Mato Grosso, assim como para o país.

**Palavras-Chave:** Mato Grosso, algodão, Vantagem Comparativa.

## 1. Introdução

Um dos mais significativos aspectos da transformação que a economia brasileira vem experimentando é o crescimento da importância do agronegócio nacional no cenário mundial. O Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de produtos agropecuários no cenário mundial. Tem grande importância como produtor e exportador de café, açúcar, álcool e sucos de frutas com destaque para os produtos soja, tabaco, carne de frango, carne bovina, couro e calçados de couro.

Segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) e da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), os dados consolidados de 2005 para o agronegócio brasileiro mostram que, no acumulado do ano

passado, o Produto Interno Bruto (PIB) da agricultura nacional acusou retração de 15,46%, com redução de 0,10%, em dezembro, o que representa recuo de R\$ 15,58 bilhões em 2005, com um PIB de R\$ 85,20 bilhões, a preços de 2005, ante os R\$100,78 bilhões de 2004. Foram dois anos consecutivos de perdas de renda no campo, as quais tiveram início em outubro de 2003. Apesar disto, percebe-se que as exportações brasileiras de algodão tiveram um crescimento ascendente no período de 1999 a 2005, o que tem contribuído para o aumento das exportações brasileiras totais e para o crescimento do agronegócio como um todo (Tabela 1).

**Tabela 1- Exportações Brasileiras de Algodão em pluma: 1999 a 2005**

Período	Quantidade (t)	Valor (US\$ FOB)
1999	3.042	3.802.974
2000	9.396	10.195.696
2001	73.583	73.092.801
2002	72.226	64.540.411
2003	123.482	132.311.560
2004	244.340	305.149.098
2005	273.138	313.829.836

Fonte: MDICEX (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior).

No Estado de Mato Grosso, o agronegócio tem se mostrado eficiente e competitivo. Isso se deve ao fato de que o estado apresenta condições climáticas favoráveis, com chuvas regulares, o que viabiliza o cultivo de diferentes tipos de produtos agrícolas e com alta produtividade. Referente à cultura do algodão, o cultivo e a exportação do algodão Mato-Grossense só cresceram de forma ascendente no final da década de 90, conquistando assim a primeira posição no cenário nacional. O algodão produzido em Mato Grosso tem despertado o interesse de importadores de diversas partes do mundo e atualmente o Estado exporta para o Japão, Indonésia, Paquistão e Tailândia (Matos, 2005). Em 2005, foram exportadas em Mato Grosso 170.818.435 kg de algodão (simplesmente debulhado, não cardado nem penteado), correspondendo a US\$ FOB 199.440.125 (MDIC, 2006).

Para que o agronegócio exibisse um crescimento sustentável foi necessário o uso de tecnologias no campo, desde o plantio até a colheita das safras, sendo a grande responsável pela área de pesquisas no

campo, a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) que tem papel fundamental no desenvolvimento de pesquisas e técnicas agrícolas, sendo responsável por 52% dos projetos em agricultura no Brasil. A cultura do algodão produzida no Estado de Mato Grosso, utiliza de tecnologias no campo, desde o plantio até a colheita, o que trouxe crescimento e ganho de produtividade desse produto ao longo dos anos, principalmente no período: 1990 a 2005. Deve ser destacado que o clima da região dos cerrados é favorável ao desenvolvimento desta cultivar e, o tipo de solo, bem como a escala de produção e o uso correto de tecnologias, principalmente com variedades mais produtivas e tolerantes a doenças. O Brasil ocupa o 3º lugar no ranking dos exportadores de algodão. Diante do exposto sobre a cultura do algodão, questionam-se: quais fatores foram determinantes para o incremento das exportações do algodão Mato-Grossense no período de 1999 a 2005?

O presente estudo tem como objetivo principal analisar a competitividade do algodão Mato-Grossense no cenário internacional no período de 1999 a 2005. Especificamente pretende-se: a) analisar os fatores relevantes e as estratégias que influenciam as exportações do algodão; e b) quantificar a Vantagem Comparativa Revelada de Mato Grosso frente aos principais países produtores. Tem como hipóteses básicas de que o Estado é competitivo no comércio internacional devido ao alto rendimento da cultura de algodão no Estado de Mato Grosso, em face aos fatores climáticos que são favoráveis ao cultivo dessa malvácea, também ao solo favorável ao cultivo dessa malvácea, a adoção de tecnologias no campo que vai do plantio até a colheita e, também, ao programa de incentivos fiscais (Lei Kandir) para exportação de produtos agrícolas in natura no qual o algodão Mato-Grossense está inserido.

## **2. A Importância Econômica do Algodão em Mato Grosso**

O setor produtivo do algodão no Brasil passou por uma profunda reestruturação baseada em novos padrões tecnológicos e empresariais, o que implicou também em uma mudança no eixo de produção da cultura, que após a crise ocorrida nas safras 1996/97, que levou à fa-

lência pequenos e médios produtores do Paraná e São Paulo, se expandiu na região dos Cerrados do Centro-Oeste, com um sistema de grande produção, com colheita mecanizada e um avançado nível tecnológico. A sua importância se deve também pelo volume da produção, que na safra brasileira de 2005, foi de 3.663.453 mil toneladas de algodão em caroço, com uma projeção de 2.801.964 mil toneladas em caroço para a safra 2006, representando uma queda de 23,52% em relação à safra anterior. Com relação à área plantada, em 2005, foi de 1.263.128 hectares, e para a safra 2006 há uma estimativa de 899.590 hectares, apontando uma variação negativa de 28,78% em relação a 2005.

O Estado de Mato Grosso produziu 1.682.839 mil toneladas de algodão em caroço na safra 2005, e uma projeção para a safra de 2006 de 1.334.325 mil toneladas de algodão em caroço, com uma variação negativa de 20,71% em relação a 2005, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006). Mato Grosso tem a primeira posição em área cultivada no país, que na safra de 2005 plantou 483.525 hectares, ficando com a maior produção nacional e uma produtividade de 3.489 kg/ha. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006). Para a safra 2006, estima-se uma produtividade de 3.515 kg/ha, com uma variação positiva de 0,75% em relação à safra passada. O aumento da produtividade foi devido à introdução de cultivares que ofereceram maior produtividade e ausência de viroses nos campos de produção. A área cultivada deve ficar em torno de 379.597 hectares, correspondendo a uma variação negativa de 21,31% em relação à safra 2005.

A produtividade do algodão em Mato Grosso é superior à média brasileira em virtude das condições de clima favoráveis à produção, tipo de solo, escalas de produção favoráveis ao desenvolvimento da cultura, com o uso correto de tecnologias e, principalmente, variedades mais produtivas e tolerantes a doenças. Esse forte decréscimo na expectativa da nova safra se deve às baixas cotações do produto e aos altos custos para se produzir essa malvacea.

Esse Estado foi o maior produtor brasileiro de algodão na safra 2005, respondendo por quase 46% da produção nacional nessa safra. O valor da produção de algodão em Mato Grosso na safra 2005 foi de R\$ 4.119.679,00. A Tabela 2 apresenta os principais municípios produtores de algodão herbáceo (em caroço) do Estado de Mato Grosso no ano de 2005.

**Tabela 2. Principais municípios produtores de algodão Herbáceo (em caroço) no Estado de Mato Grosso: 2005**

Municípios	Quantidade produzida (toneladas)
Campo Verde	254.821
Sapezal	168.918
Primavera do Leste	144.594
Pedra Preta	127.633
Diamantino	123.798
Campo Novo do Parecis	92.078
Itiquira	81.594
Alto Taquari	68.700
Alto Garças	57.455
Nova Mutum	55.744

Fonte: IBGE – SIDRA

Na Tabela 3 estão apresentados os dados da relação de troca entre fertilizantes e algodão, ou seja, a quantidade de algodão necessária para adquirir uma tonelada de fertilizante. Por exemplo, no ano de 2000 eram necessários 42,3 fardos de algodão para se adquirir uma tonelada de fertilizante. No ano seguinte a relação produto/fertilizante aumentou bastante, ou seja, o preço do fertilizante ficou bem acima do preço da arroba de algodão. No ano de 2005 foi necessária uma maior quantidade de algodão para adquirir a mesma quantidade de fertilizante, demonstrando um dos motivos da queda na produção de algodão no estado.

**Tabela 3. Relações de troca\* Fertilizantes versus\*\* Algodão (fardo de 15 kg). Período de 2000 a 2005**

<i>Período</i>	<i>Médias anuais</i>
2000	42,3
2001	52,9
2002	43,6
2003	39,2
2004	48,3
2005	55,4

Fonte: DERAL. Elaboração: CONAB/DIGEM/SUINF/Gerência de Custos de Produção-GECUP. Obs. \*Indica a quantidade de produto agrícola necessária para se adquirir uma tonelada de fertilizante. \*\*Fertilizantes considerados: Algodão em caroço: 04-30-10 (70%) sulfato de amônia (30%)

Em relação ao número de empregos gerados na cultura do algodão, na safra passada foram gerados 21.500 postos de trabalho na

lavoura algodoeira, mas na safra atual a demissão de trabalhadores chegou a 3.650 em razão da redução da área cultivada, segundo dados da Revista Ótima (2006). Na Tabela 4 tem-se o valor das exportações totais de Mato Grosso, bem como o valor das exportações de algodão no Período de 1999 a 2005. Percebe-se que vem aumentando significativamente o valor exportado pelo estado, e isso é devido em grande parte ao agronegócio, principalmente dos produtos soja e algodão, que tem crescido de forma ascendente, contribuindo para o aumento do PIB do Estado de Mato Grosso. Com relação às exportações de algodão no Estado de Mato Grosso, percebe-se que foi a partir de 2001 que o Estado se consolidou como um grande exportador de algodão, tendo alcançado o maior valor exportado no ano de 2004, que foi de US\$ 213,9 milhões, sendo que em 2005 apresentou uma retração no valor exportado em relação ao ano de 2004.

**Tabela 4. Valor das exportações totais e valor das exportações de algodão de Mato Grosso, período de 1999 a 2005**

<i>Ano</i>	<i>Valor das exportações totais (US\$ FOB Milhões)</i>	<i>Valor das exportações de algodão (US\$ FOB Milhões)</i>
2000	1.033,35	10,1
2001	1.395,75	54,4
2002	1.795,79	51,0
2003	2.186,15	89,0
2004	3.101,88	213,9
2005	4.151,61	199,4

Fonte: MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior).

A Tabela 5 mostra a arrecadação de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre o algodão, no Estado de Mato Grosso, com valores corrigidos. Percebe-se que houve queda no valor arrecadado em 2005 com relação a 2004, sendo que pode ser explicado pela queda na quantidade produzida nesse mesmo período. No ano de 2003 houve uma forte queda no valor arrecadado de ICMS do algodão, assim como houve uma queda significativa na produção de algodão.

**Tabela 5. Valor do ICMS do algodão em Mato Grosso: 2002 a 2005**

<i>Período</i>	<i>R\$ Milhões</i>
2002	32,3
2003	23,7
2004	27,4
2005	22,5

Fonte: SEFAZ (Secretaria de Fazenda do Estado de Mato Grosso)

Na Tabela 6 são apresentados dados sobre as exportações mundiais totais para o período de 1999 a 2005, bem como dados sobre as exportações mundiais de algodão em pluma para o mesmo período, dados estes que serão utilizados para os cálculos do Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Balassa, os quais serão utilizados para medir a competitividade do algodão Mato-Grossense no cenário internacional.

**Tabela 6. Valor das exportações mundiais totais e valor das exportações mundiais de algodão, período de 1999 a 2005**

<i>Ano</i>	<i>Valor das exportações mundiais totais (US\$ Bilhões)</i>	<i>Valor das exportações mundiais de algodão (US\$ Milhões)</i>
1999	5,473	332,06
2000	6,186	344,31
2001	5,984	238,55
2002	6,272	349,30
2003	7,294	474,99
2004	8,907	368,16
2005	9,486	482,73

Fonte: Food Agriculture Organization of the United Nations (FAO) e Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

### 3. Metodologia

#### 3.1 Conceito de Competitividade

Andrioli (2003) argumenta que a competitividade ou livre

concorrência é um dos princípios da economia liberal e teve como principais defensores Adam Smith e David Ricardo. Nota-se que a idéia básica da livre concorrência é a fé depositada na idéia de que a contribuição entre si, automaticamente contribui para o progresso geral da sociedade. “Enquanto o liberalismo clássico pedia que o Estado não interferisse, para que a concorrência pudesse produzir todos os seus bons efeitos, o neoliberalismo pede ao Estado que se mexa para assegurar que a concorrência possa existir”. (Salleroun, 1979: 48). Nesse sentido, afirma-se que existe uma intenção clara, em nível de ideologia política, de promover a idéia da competição como intrinsecamente positiva para a humanidade, que deixa de ser apenas um conceito na economia para fazer parte do imaginário social das pessoas.

Conforme Gasques et al (2002), a literatura sobre comércio internacional é bastante rica e há vários conceitos de competitividade internacional. Valdés (1996) coloca que existe um consenso sobre o fato da competitividade internacional ser a habilidade de os empresários criarem, produzirem e comercializarem mercadorias e serviços com mais eficiência do que seus rivais nos mercados domésticos ou internacionais. A literatura aponta autores que associam a baixa competitividade das firmas às questões macroeconômicas, tais como taxas de juros, política tributária e outras. Entretanto, são vários os fatores que determinam a posição competitiva das firmas nos diferentes países. Não existe um único indicador que possa explicar a baixa competitividade dos produtos. Ainda no estudo de Valdés (1996), foram identificados seis principais fatores que de alguma maneira afetam a competitividade das unidades de produção: dinamismo macroeconômico, dinamismo financeiro, dinamismo comercial, elementos de infra-estrutura e recursos humanos das firmas.

Há estudos como o de Gopinath et al (1997) que mostram que a competitividade é um conceito relativo com duas dimensões: a doméstica e a internacional. Se em um país o crescimento real da agricultura for maior que o crescimento da economia, então se conclui que a agricultura do país está ganhando competitividade em relação ao resto da economia. E se o crescimento da agricultura de um país é maior que o de outro, então, segundo esses autores, diz-se que o pri-

meiro está ganhando competitividade bilateral sobre o segundo. Hauguenauer (1989) argumenta que, do ponto de vista do desempenho das exportações de um setor (indústria), seriam competitivas as indústrias que ampliam sua participação na oferta internacional de determinados produtos. Conforme o autor, a competitividade consiste na capacidade de um país em manter e em expandir sua participação nos mercados internacionais e em elevar simultaneamente o nível de vida de sua população. Segundo eles, quando se expande o conceito também para a capacidade de competir no mercado doméstico, é utilizado o índice de penetração das importações, o saldo entre exportações e importações ou o grau de exposição à competição externa. Este último combina a participação de exportações e de importações na produção e na demanda interna. Assim, a competitividade é vista como a capacidade de um país em produzir determinados bens igualando ou superando os níveis de eficiência observáveis em outras economias. O crescimento das exportações seria uma provável consequência da competitividade, e não sua expressão. O conceito da competitividade está associado a diferenciais de preços, problemas tecnológicos, salários e produtividade, em que a medida mais usual é a produtividade do trabalho.

### **3.2 Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Balassa**

O presente estudo utilizou-se do indicador de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), através do qual foi possível analisar a competitividade do algodão Mato-Grossense frente ao mercado internacional, verificando se o mesmo revela vantagens comparativas. Esse indicador possibilita uma análise mais concisa no que tange ao desenvolvimento das exportações de algodão, contribuindo para caracterizar a estrutura do mercado internacional. Segundo Boulhosa et al (2005), o conceito de vantagem comparativa, de maneira simplificada, procura demonstrar que o comércio internacional é vantajoso quando os países que se dedicam a produzir apenas aqueles bens em que são comparativamente mais eficientes do que os outros, buscando mensurar os produtos em que o país exibe vantagem comparativa com base nos fluxos de comércio passado,

pressupondo que a sua eficiência produtiva relativa pode ser identificada por meio de seu desempenho no comércio internacional.

De acordo com Santos et al (2005), o conceito de vantagem comparativa, de maneira simplificada, procura demonstrar que o comércio internacional é vantajoso quando os países se dedicam a produzir apenas aqueles bens em que são comparativamente mais eficientes do que outros. Busca-se, assim, mensurar o desempenho exportador em produtos em que o país apresenta vantagem comparativa com base nos registros de comércio passado, pressupondo-se que a eficiência produtiva relativa de um país pode ser identificada por meio de seu desempenho no comércio internacional. Figueiredo et al (2005), afirmam que grande contribuição ao entendimento da competitividade no comércio internacional foi dada por Balassa, em 1965, que criou o conceito de vantagem comparativa revelada. Esse método surgiu como uma proposta alternativa para identificar setores nos quais um país possui vantagem comparativa na produção e, por conseguinte, na exportação. Ponciano (1995) e Santos (2005) argumentam que nesse método, a vantagem comparativa é considerada como revelada porque sua quantificação se baseia em dados ex-post, ou seja, pós-comércio. Ao analisar a vantagem comparativa revelada, algumas limitações podem surgir devido ao protecionismo inerente às relações comerciais, tais como tarifas sobre importação, subsídios às exportações, poder de mercado, desalinhamento cambial e outras que, em conjunto, podem afetar os resultados da vantagem comparativa revelada. Essas limitações surgem porque a noção de vantagem comparativa revelada está interligada a fatores estruturais do processo produtivo, sendo associada de forma direta aos custos relativos de produção.

Esses autores afirmam, ainda, que embora haja limitações nas análises do comércio internacional, pautadas em indicadores de vantagem comparativa revelada, eles têm sido bastante utilizados por causa da facilidade de construção e, por conseguinte, maior adequação às bases de dados de comércio internacional. Ademais, a utilização desses indicadores é importante por permitir acompanhar a evolução do fluxo de comércio externo dos produtos, ao longo do tempo, por serem dire-

trizes importantes na detecção de impactos positivos e, ou, negativos de políticas realizadas. Dentre os indicadores de Vantagem Comparativa, os autores Boulhosa et al (2005) afirmam que um dos mais utilizados é o índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) desenvolvido por Balassa (1989), o qual procura medir e identificar quais são os produtos em que uma região/país apresenta vantagem comparativa, tomando por base os fluxos de comércio passado. Para isso, Balassa (1989) pressupõe que a eficiência produtiva relativa de um país sobre a produção de um determinado produto pode ser identificada por meio de seu desempenho no comércio internacional.

Destacam ainda que para que tal índice cumpra com sua função, deve ser requerido que os fluxos de comércio não sejam afetados por fatores que interfiram e desvirtuem o comércio internacional, tais como: subsídios, tarifas alfandegárias diferenciadas entre os países, barreiras fito-sanitárias e quotas de importação, dentre outras. Tem-se que observar também que tais restrições recaem, principalmente, sobre produtos primários, foco de intervenções e de políticas nacionais protecionistas, e que não são exclusivas desse indicador, já que também afetam quaisquer indicadores que estejam baseados no desempenho comercial de uma região/país. Portanto, o índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) definido por Balassa (1989) é uma forma de se aproximar da mensuração da vantagem comparativa de uma região ou país, em que aqueles resultados que apresentam valores acima da unidade estariam indicando uma vantagem comparativa do país no setor estudado.

Tradicionalmente, a Vantagem Comparativa Revelada é calculada em relação ao mundo, podendo ser definida matematicamente por:

$$VCR = \frac{\frac{X_k^{País}}{X_T^{País}}}{\frac{X_k^{Mundo}}{X_T^{Mundo}}} \quad (1).$$

em que:

$X_k^{País}$  = exportações do bem k do país;

$X_T^{País}$  = exportações totais do país;

$X_k^{Mundo}$  = exportações totais do mundo.

$X_T^{Mundo}$  = exportações mundiais do bem k;

Conforme Santos et al (2005), a VCR também pode ser calculada de maneira dinâmica, quando se tem o objetivo de verificar os ganhos ou perdas obtidas em relação à sua vantagem comparativa, no momento em que os países trocam de posição em suas capacidades de inserção no comércio internacional. Para isto, selecionam-se os países a serem comparados, calculando-se, em seguida, os seus respectivos índices de VCR para uma dada série temporal de dados, o que torna possível a observação de seus respectivos posicionamentos no mercado internacional do bem sob estudo. No presente trabalho optou-se pelo indicador de Balassa (1989) acima com o objetivo de que os resultados possam ser abrangentes e precisos numa análise mais aprofundada, com a criação de um cenário confiável para as interpretações sobre a competitividade do algodão de Mato Grosso no comércio internacional.

### 3.3. Fontes de Dados

Os dados utilizados nesse trabalho foram obtidos junto ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Food Agriculture Organization (FAO) e Organização Mundial do Comércio (OMC).

#### 4. Resultados e Discussões

Os resultados do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) estão contidos na Tabela 7. Fez-se a análise do Índice de Vantagem Comparativa Revelada para verificar se Mato Grosso apresenta vantagem comparativa revelada do algodão em relação aos países exportadores.

Tabela 7. Índice de Vantagem Comparativa Revelada do Algodão em Mato Grosso, período de 1999 a 2005

Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
VCR	0,06	0,18	0,98	0,51	0,63	1,67	0,94

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com a definição de Balassa, o Índice de Vantagem Comparativa Revelada acima da unidade indica vantagem comparativa do país ou região. De acordo com os resultados da Tabela 7, Mato Grosso exibiu vantagem comparativa no mercado internacional do algodão apenas no ano de 2004, sendo que nos demais anos analisados os resultados apresentados estiveram abaixo da unidade. Como podem ser observados, os resultados de 1999 a 2001 se comportaram de forma crescente no período estudado, revelando, em 2002, uma queda acentuada, sendo que 2004 foi o ano que apresentou o mais alto valor, isso pode ter sido por influência de uma maior produção e maior exportação. Já em 2005 houve queda, o que pode ter sido influenciado pela menor quantidade produzida e também exportada de algodão nesse ano, devido um aumento dos custos em proporção maior que o preço do produto.

Observa-se que a relação de troca do algodão com fertilizante cresceu de forma expressiva no ano de 2004 e com menor intensidade no ano de 2005, sendo que no ano de 2005 foram necessárias cerca de 55,4 arrobas de algodão em caroço para adquirir uma tonelada de fertilizante utilizado na cultura dessa malvacea. Isso ocorreu em função da elevação dos preços dos fertilizantes e dos baixos preços recebidos pelos produtores no ano de 2004 e 2005, o que pode ter influenciado a baixa competitividade do algodão Mato-Grossense no período analisado. Outro fator que pode explicar porque o Estado apresentou baixa VCR

pode ser a produtividade do algodão, que no ano de 2005 foi de 3.489 kg/ha, bem abaixo da produtividade de 2004 que foi de 4.011 kg/ha. A quantidade produzida de algodão em 2005 foi de 1.682.839 toneladas de algodão em caroço, ficando abaixo da quantidade produzida no ano de 2004, onde foram produzidas 1.884.315 de toneladas, impactando negativamente a quantidade disponível para exportação, e conseqüentemente, a competitividade do produto no mercado internacional.

Os preços recebidos pelos produtores de algodão também não foram muito favoráveis nesse período estudado, sendo que o maior pico foi no ano de 2003, atingindo no mercado internacional a US\$ 65,67, devido a forte demanda internacional, mas voltando a cair na safra seguinte após as boas safras dos grandes produtores mundiais de algodão. Houve crescimento na produção, na produtividade, nas exportações, bem como aumento na área plantada do algodão no Estado de Mato Grosso no período analisado. O ano de 2004 foi o que apresentou a maior produção e a maior produtividade, obtendo o maior índice de produtividade da história do algodão em Mato Grosso, de 4.011 Kg/ha. As exportações de algodão cresceram no período estudado, e um dos fatores que explica o aumento dessa quantidade é o aumento da produtividade do algodão de Mato Grosso bem como a qualidade da pluma do algodão produzido no Estado, sendo que atualmente o Estado tem exportado a pluma para o Japão, a Indonésia e Tailândia.

## **5 Comentários Finais**

O objetivo deste trabalho foi analisar a competitividade do algodão Mato-Grossense frente aos países exportadores de algodão, e para tanto se utilizou o Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Balassa. A utilização desse índice foi em função de que o mesmo possibilita uma análise mais consistente, contribuindo assim para uma melhor visualização da competitividade do algodão Mato-Grossense. Pode-se concluir que de acordo com o índice estudado, Mato Grosso só apresentou vantagem comparativa do algodão no mercado internacional no ano de 2004 onde o valor foi acima da unidade, ficando o índice em 1,67, sendo que nos demais anos

estudados, todos os valores foram abaixo da unidade. De acordo com os resultados, o período de 1999 a 2001 teve crescimento do índice de VCR, mas ficando sempre abaixo da unidade, e no ano de 2002 houve uma queda acentuada, sendo que 2004 foi o ano que apresentou o mais alto valor, isso pode ter sido por influência de uma maior produção e maior exportação. Já em 2005 houve queda, o que pode ter sido influenciado pela menor quantidade produzida e também exportada de algodão nesse ano.

Dessa forma, pode-se concluir que o algodão Mato-Grossense não apresentou vantagem comparativa no período analisado, pois houve apenas um ano, o de 2004, em que Mato Grosso esteve com um índice acima da unidade.

## Referências

ANDRIOLI, A. I. Revista Espaço Acadêmico. Ano II, nº. 23 – Abril /2003 – ISSN 1519.6186.

BATISTA, G. de F.; LÍRIO, V. S. Competitividade **Internacional da Soja Brasileira: uma Avaliação Sistemática**. Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural; editado por SOBER, UERJ, UFMT, EMBRAPA Gado de Leite, EMBRAPA Florestas – Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2004.

BOULHOSA, R. L. M.; AMIN, M. M. **Análise da Posição Competitiva do Brasil no Mercado Internacional de Suco de Abacaxi (1990 – 2001)**. Anais do XLIII Congresso da SOBER, Ribeirão Preto-SP, 2005.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. Disponível em [www.cepea.esalq.usp.br](http://www.cepea.esalq.usp.br)

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Avaliação da safra 2005/06 – Terceiro Levantamento**. Janeiro de 2006 [www.conab.gov.br](http://www.conab.gov.br). Acesso em 15/11/2006.

FIGUEIREDO, A. M.; SANTOS, M. L. **Evolução das vantagens comparativas do Brasil no comércio mundial de soja**. Revista de Política Agrícola. Ano XIV – nº. – Jan/Fev/Mar. 2005.

FOOD AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS

- (FAO) Disponível em <http://www.fao.org>. Acesso em 30 de Março de 2006.
- GASQUES, J. G.; CONCEIÇÃO, J. C. P. R. da. **Indicadores de competitividade e de comércio exterior da agropecuária brasileira**. IPEA. Texto para discussão nº. 908. Brasília, 09/2002.
- GOPINATH, M. **Agricultural competitiveness: the case of the united states and major countries**. *Agricultural economics*, 16 p. 99-109. 1997.
- HAGUENAUER, L. **Competitividade: conceitos e medidas. Uma resenha bibliográfica recente com ênfase no caso brasileiro**. UFRJ, Instituto de Economia Industrial. Rio de Janeiro, Agosto de 1989.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de Dados Agregados. Disponível em: [www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br). Acesso em 23/10/2006.
- IEA – Instituto de Economia Agrícola. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br>. Acesso em 20/11/2006. LAFAY, G. et al. *Nations et mondialisation*. Paris: Econômica, 1999 p. 67-334
- MATOS, R. Revista RDM. Ano VI edição nº. 112 – 24/07/05.
- Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC) – disponível em: [www.mdicex.gov.br](http://www.mdicex.gov.br). Acesso em 17/11/2006.
- PONCIANO, N. J. **Segmento exportador da cadeia agroindustrial do café brasileiro**. Viçosa, MG: UFV, 1995. 128 p. Dissertação de Mestrado em Economia Rural.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC). Disponível em [www.wto.org](http://www.wto.org). Acesso em 17/11/2006.
- Revista Ótima. SML Comunicação. Agosto/2006.
- SALLEROUN, L. **Liberalismo e Socialismo**. Tradução de João Benedicto Martins Ramos. São Paulo: Mundo Cultural, 1979.
- SANTOS, C. M.; CAMPOS, A. C. **Indicadores de Competitividade de Suco de Laranja Concentrado e Congelado - SLCC, 1980-2002**. Anais do XLIII Congresso da SOBER, Ribeirão Preto-SP, 2005.
- SECRETARIA DE FAZENDA DO ESTADO DE MATO GROSSO – SEFAZ. Disponível em <http://www.sefaz.mt.gov.br>. Acesso em 22/11/2006.
- VALDÉS A. **Impacto das políticas macroeconômicas sobre o crescimento da agricultura**. Experiência sul americana, 1996.